

Natália Lampert Batista
Tascieli Feltrin
Maurício Rizzatti
(Organizadores)

Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3



Natália Lampert Batista
Tascieli Feltrin
Maurício Rizzatti
(Organizadores)

Formação, Prática e Pesquisa em Educação 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação, prática e pesquisa em educação 3 [recurso eletrônico] / Organizadores Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Maurício Rizzatti. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Formação, Prática e Pesquisa em Educação; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-592-1 DOI 10.22533/at.ed.921190309 1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. II. Feltrin, Tascieli. III. Rizzatti, Maurício. IV. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra **Formação, Prática e Pesquisa em Educação** apresenta um apanhado da produção à nível superior da área da Educação no Brasil, contemplando as três esferas: a formativa através de relatos que percorrem os processos formativos, relacionada ao ensino e às teorias da aprendizagem; a prática com destaque para as iniciativas extensionista e de inserção escolar e por último, mas não menos importante, a da pesquisa apresentando as temáticas que têm movimentado a produção científica e intelectual do ensino superior brasileiro na área educacional. A qual apresento brevemente a seguir.

O capítulo “A Alfabetização de Crianças Autistas” de autoria de Fabiana Boff Grenzel apresenta uma reflexão acerca de crianças autistas na alfabetização, enfatizando a necessidade de se criar estratégias para facilitar a aprendizagem destes educandos. “A Construção da Escrita Pré-Silábica e suas Implicações na Perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita: Um Breve Estudo de Caso”, das autoras Telma Maria de Freitas Araújo, Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte e Maria Estela Costa Holanda Campelo apresenta, segundo as autoras, uma *Sondagem de Escritas*, através da qual é realizada uma análise da produção escrita de uma criança, a partir da teoria da psicogênese da língua escrita.

“A Evasão como Subsídio para a Avaliação Institucional: Um Estudo de Caso com Cursos de Engenharia em uma Universidade Pública”, de Joice Pereira da Silva Carvalho, Simone Portella Teixeira de Mello e Daniela Vieira Amaral concentra seu olhar na evasão escolar no ensino superior enquanto fenômeno capaz de subsidiar uma avaliação institucional. Marcos Gonzaga e Regina Magna Bonifácio de Araújo, por sua vez, apresentam uma síntese das características fundamentais da pesquisa qualitativa, com destaque para a História Oral no capítulo “A História Oral na Produção Acadêmica: Três Leituras Metodológicas”

Em “A Motivação no Processo de Ensino/Aprendizagem de Francês no Curso de Secretariado Executivo da UEM: Entendimento e Desafios”, Edson José Gomes intenciona identificar quais são os principais entraves a um desempenho satisfatório no processo de ensino/aprendizagem do francês como língua estrangeira no curso de SET. As autoras Rayuska Dayelly de Andrade e Sueldes de Araújo discutem a concepção de escola inclusiva em uma análise do município de Angicos no Rio Grande do Norte para o atendimento de uma aluna surda em “A Percepção de Professore(a)s sobre a Prática Pedagógica no Contexto Inclusivo.

Já Andressa Grazielle Brandt, **Nadja Regina Sousa Magalhães**, Aline Aparecida Cezar Costa e Luciana Gelsleuchter Lohn apresentam algumas reflexões sobre o campo da etnografia a partir de um estudo sobre a pesquisa etnográfica com crianças, em seu capítulo “Pesquisa Etnográfica com Crianças Pequenas: Aproximações Teórico-Metodológicas.

No capítulo “A Qualidade no Ensino à Distância: o Novo Aluno e o Novo Professor”

Jéssica Reis Silvano Barbosa e Gislaine Reis elaboram uma reflexão sobre a expansão do ensino à distância e analisam as mudanças advindas dessa expansão para o ramo da educação virtual. Já os autores Karla dos Santos Guterres Alves e Antônio Luiz Santana objetivam compreender a relação entre a Grounded Theory e o processo de reflexividade que envolve a pesquisa científica em seu capítulo “A Reflexividade na Grounded Theory”. Na sequência, Raimundo Ribeiro Passos, Afrânio Ferreira Neves Junior, Paulo Rogério da Costa Couceiro, Genoveva Chagas de Azevedo, Maria Marly de Oliveira Coêlho e Valdete da Luz Carneiro através de “Análise do Instrumento de Autoavaliação Institucional Utilizado na UFAM nos Anos de 2014 e 2015” realizam uma análise dos instrumentos utilizados pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Universidade Federal do Amazonas, e a verificação de sua evolução no processo avaliativo interno de 2014 e 2015.

Na perspectiva dos planejamento de sistemas universitários estaduais brasileiros, Nelson De Abreu Júnior Apresenta “Aspectos Socioeconômicos na Espacialização da Universidade Estadual de Goiás”, capítulo no qual se encontra uma pesquisa documental combinada com a análise de dados estatísticos acerca da educação superior pública estadual em Goiás. Tendo por objetivo apresentar e discutir a temática da avaliação da aprendizagem na área da Educação Física escolar, e apontar suas relações com os currículos Alessandra Andrea Monteiro e Vilma Lení Nista-Piccolo são as autoras de: “Avaliação da Aprendizagem na Educação Física Escolar na Rede Municipal de São Paulo e Paulo Freire: Aproximações e Distanciamentos”. Nesse sentido também, Andreia Gasparino Fernandes avalia através de uma revisão temática a problemática da garantia de vagas em creches públicas municipais do município de São José do Rio Preto frente à legislação educacional vigente em “Avaliação da Política de Oferta de Vagas em Creches na Rede Pública Municipal de Ensino de São José do Rio Preto”.

Sob a ótica da organização das diretrizes operacionais de ensino Alderita Almeida de Castro e Sueli Aparecida de Souza refletem sobre a implementação da avaliação das aprendizagens enquanto impulsionadora do processo do conhecimento na educação básica do Estado de Goiás, entre os anos de 2009 e 2014 no capítulo “Avaliação das Aprendizagens: a Significativa Ascensão do IDEB nas escolas do Estado de Goiás do ano de 2009 a 2014”. Tendo em vista a Avaliação Internacional de Estudantes (PISA) Glauco da Silva Aguiar e Ligia Gomes Elliot exploram o conceito de Oportunidade de Aprendizagem trazido pelo PISA 2012, analisando o desempenho do Brasil e de mais 11 países em “Avaliação em Matemática: Uso dos Resultados do Pisa 2012”.

No capítulo “Avaliação: Concepções e Implicações na Educação Infantil” Natascha Carolina de Oliveira Gervázi, Marcos Vinícius Meneguel Donati e José Roberto Boettger Giardinetto desenvolvem uma reflexão sobre a avaliação na Educação Infantil, através da análise e orientação a correta utilização da ferramenta portfólio. Ainda na perspectiva avaliativa Rosemary Farias Rufino, Santana Elvira Amaral da

Rocha e **Núbia do Socorro Pinto Breves** apresentam o capítulo “Avaliações em Larga Escala: Contribuições da ADE para Atingir a Meta da Proficiência no SAEB/INEP em Escolas Públicas Municipais de Manaus” no qual retratam a percepção dos estudantes em relação às contribuições das avaliações em larga escala no processo de ensino e aprendizagem das escolas públicas de ensino fundamental do município de Manaus.

Na sequência Andrialex William da Silva, Tarcileide Maria Costa Bezerra, Romênia Menezes Paiva Chaves Carneiro e Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro exibem “Concepções de Professores sobre a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva: uma Visão Romântica ou Direito à Educação?” No qual discutem as concepções dos profissionais do sistema educacional do município Jardim de Angicos (RN) sobre a Educação Especial em uma perspectiva inclusiva. Ainda na perspectiva inclusiva, o capítulo “Criatividade e Altas Habilidades/Superdotação” de Guacira Quirino Miranda, Arlete Aparecida Bertoldo e Priscila Miranda Chaves apresenta uma revisão bibliográfica sobre a relação da criatividade com as altas habilidades/superdotação. Em “Desenhos e Desenhos: Conselhos Municipais de Educação” Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias e Rosimar de Fátima Oliveira analisam os elementos comuns do desenho institucional dos Conselhos Municipais de Educação (CMEs) no Brasil, como um dos fatores capazes de potencializar os esperados resultados democráticos dessas instâncias colegiadas.

A seguir Gildene do Ouro Lopes Silva, Amanda Lázari e Amanda Calefi Felex embasadas pelo modelo Oakland, Glutting E Horton realizaram a identificação dos estilos de aprendizagem em escolares do quarto ano do ensino fundamental no capítulo intitulado “Estilos de Aprendizagem no Modelo de Oakland, Glutting e Horton em Escolares do Ensino Fundamental I”. Já em “Financiamento da Educação: uma Análise a partir do Gasto Aluno-Ano nos Municípios do Paraná” Jokasta Pires Vieira Ferraz, Andrea Polena e Simony Rafaeli Quirino verificam o perfil de gasto aluno-ano dos municípios do Paraná, em 2014, em relação ao porte dos municípios. Em “Ideias Higienistas na Revista Pedagogium (1922-1923)” Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes, Arthur Beserra de Melo e Marlúcia Menezes de Paiva analisam a ocorrência de ideias higienistas na revista Pedagogium, durante os anos de 1922 e 1923.

Laura Renata Dourado Pereira em “O Ensino da Arte e a Interdisciplinaridade: Novos Modos de Pensar sobre a Produção do Conhecimento” propõe uma reflexão sobre a interdisciplinaridade como um possível caminho para superar a fragmentação do conhecimento existente. Na sequência, “O Professor como Mediador nas Habilidades de Leitura” de Clarice de Matos Oliveira e Thenner Freitas da Cunha analisa como o professor de Língua Portuguesa pode ser um facilitador no desenvolvimento das habilidades de leitura aferidas nas avaliações educacionais em larga escala. Na perspectiva do Projeto de Lei 7.180/14, Ana Carolina Fleury e Ivo Monteiro de Queiroz apresentam “O Projeto Escola Sem Partido e a Construção

de uma Educação Burguesa no Século XXI” a fim de compreender os conceitos e detectar a existência de uma relação entre a proposta, os fundamentos da educação e a perspectiva marxista. Em “Observatório Eçaí: a Aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente e outros Direitos Humanos na Fronteira Brasil-Bolívia” Cláudia Araújo de Lima sistematiza uma observação das políticas públicas voltadas à infância e à adolescência bem como investiga os fenômenos de violações de direitos de crianças e adolescentes na região da fronteira.

No capítulo “Os Desafios e as Demandas Socioculturais Brasileiras Frente à Inclusão Escolar” de Evaldo Batista Mariano Júnior, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela e Valeska Guimarães Rezende da Cunha os autores retomam a temática das políticas públicas educacionais voltadas para a inclusão escolar com o intuito de fornecer subsídios a profissionais que atendam alunos portadores de necessidades especiais. Marcelo da Silva Machado em “Pacto Federativo na Educação e a Participação da União no Financiamento da Educação em Municípios da Região Metropolitana do Rio De Janeiro” realiza uma investigação sobre o pacto federativo e sua repercussão, entre os anos de 2008 e 2018, sobre o aumento das responsabilidades dos municípios na oferta de matrículas e, também de financiamento da educação na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

“Pedagogia Waldorf e Salutogênese: razões e caminhos no/do cotidiano escolar” de Elaine Marasca Garcia da Costa, Vilma Lení Nista-Piccolo reflete sobre a possibilidade de a área da Saúde ser edificada junto à Educação através da convergência de dois conceitos: a Salutogênese e o método pedagógico Waldorf. Na perspectiva de estabelecer um perfil do uso e descarte de óleo vegetal utilizado para o preparo de alimentos em Escolas da Rede Pública Estadual de Educação Básica de Tubarão Douglas Bardini Silveira, Eduardo Aquini e Isonel Maria Comelli Pave desenvolvem “Perfil de Descarte de Óleo de Cozinha em Escolas da Rede Pública Estadual de Educação Básica Situadas no Município de Tubarão, SC”. A fim de discutir a relação dos temas desenvolvidos na disciplina Filosofia das Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, e suas possíveis aproximações e com a pesquisa sobre objetos de estudo associados ao higienismo dentro do campo da História da Educação, Arthur Beserra de Melo, Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes e Marlúcia Menezes de Paiva fundamentam o capítulo “Relações entre Temas da Disciplina Filosofia das Ciências e a Pesquisa sobre Higienismo no Campo da História da Educação”.

No capítulo “Representações Sociais das Práticas dos Professores de Educação Física acerca da Educação Física Escolar”, Bruno Viviani dos Santos, Sabrina Araujo de Almeida e Pedro Humberto Faria Campos analisam a representação social da prática pedagógica de 103 professores de Educação Física do ensino fundamental. Em “Sistema de Avaliação Escolar”, Katia Verginia Pansani traz um Relato de Experiência sobre os resultados positivos do Sistema de Avaliação Escolar – SAEsc no Colégio Progresso Campineiro. Para proporcionar uma compreensão sobre as

políticas públicas de financiamento, tais como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), Jhonathan Martins da Costa, Carlos José de Farias Pontes e Maria Valdiza Ferreira Moniz Andrade publicam “Um Olhar Inicial a Respeito das Políticas Públicas de Financiamento no Brasil: Compreendendo o FUNDEB”. Laís Takaesu Ernandi, Willian Pereira da Silva, Suédina Brizola Rafael Rogato no capítulo “Uso do Medicamento na Infância: Reflexões sobre a Atuação Docente no Processo da Medicalização do Ensino” buscaram discutir o processo de medicalização na infância e a necessidade de problematização dessa questão.

Os textos, relatos de prática e conclusões de pesquisas tangentes às questões educacionais que compõem esse terceiro volume da obra Formação, Prática e Pesquisa em Educação portanto operam em favor de qualificar a produção do ensino superior brasileiro e subsidiar novas pesquisas, constituindo-se assim em importante devolutiva à sociedade dos investimentos feitos com a formação de profissionais da educação e pesquisadores.

Tascieli Feltrin

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS	
<i>Fabiana Boff Grenzel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903091	
CAPÍTULO 2	9
A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA PRÉ-SILÁBICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PERSPECTIVA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: UM BREVE ESTUDO DE CASO	
<i>Telma Maria de Freitas Araújo</i>	
<i>Nadja Sabrina Silva Gomes Lopes Duarte</i>	
<i>Maria Estela Costa Holanda Campelo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903092	
CAPÍTULO 3	21
A EVASÃO COMO SUBSÍDIO PARA A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: UM ESTUDO DE CASO COM CURSOS DE ENGENHARIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
<i>Joice Pereira da Silva Carvalho</i>	
<i>Simone Portella Teixeira de Mello</i>	
<i>Daniela Vieira Amaral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903093	
CAPÍTULO 4	32
A HISTÓRIA ORAL NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: TRÊS LEITURAS METODOLÓGICAS	
<i>Marcos Gonzaga</i>	
<i>Regina Magna Bonifácio de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903094	
CAPÍTULO 5	42
A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE FRANCÊS NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA UEM: ENTENDIMENTO E DESAFIOS	
<i>Edson José Gomes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903095	
CAPÍTULO 6	54
A PERCEPÇÃO DE PROFESSOR(A)S SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO INCLUSIVO	
<i>Rayuska Dayelly de Andrade</i>	
<i>Sueldes de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9211903096	
CAPÍTULO 7	62
A PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS PEQUENAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	
<i>Andressa Grazielle Brandt</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
<i>Aline Aparecida Cezar Costa</i>	

CAPÍTULO 8 72

A QUALIDADE NO ENSINO À DISTÂNCIA: O NOVO ALUNO E O NOVO PROFESSOR

Jéssica Reis Silvano Barbosa

Gislaine Reis

DOI 10.22533/at.ed.9211903098

CAPÍTULO 9 80

A REFLEXIVIDADE NA GROUNDED THEORY

Karla dos Santos Guterres Alves

Antônio Luiz Santana

DOI 10.22533/at.ed.9211903099

CAPÍTULO 10 88

ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL UTILIZADO NA UFAM NOS ANOS DE 2014 E 2015

Raimundo Ribeiro Passos

Afrânio Ferreira Neves Junior

Paulo Rogério da Costa Couceiro

Genoveva Chagas de Azevedo

Maria Marly de Oliveira Coêlho

Valdete da Luz Carneiro

DOI 10.22533/at.ed.92119030910

CAPÍTULO 11 100

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS NA ESPACIALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Nelson de Abreu Júnior

DOI 10.22533/at.ed.92119030911

CAPÍTULO 12 109

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO E PAULO FREIRE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Alessandra Andrea Monteiro

Vilma Lení Nista-Piccolo

DOI 10.22533/at.ed.92119030912

CAPÍTULO 13 119

AVALIAÇÃO DA POLÍTICA DE OFERTA DE VAGAS EM CRECHES NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Andreia Gasparino Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.92119030913

CAPÍTULO 14	130
AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS: A SIGNIFICATIVA ASCENSÃO DO IDEB NAS ESCOLAS DO ESTADO DE GOIÁS DO ANO DE 2009 A 2014	
<i>Alderita Almeida de Castro</i>	
<i>Sueli Aparecida de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030914	
CAPÍTULO 15	141
AVALIAÇÃO EM MATEMÁTICA: USO DOS RESULTADOS DO PISA 2012	
<i>Glauco da Silva Aguiar</i>	
<i>Ligía Gomes Elliot</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030915	
CAPÍTULO 16	154
AVALIAÇÃO: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Natascha Carolina de Oliveira Gervázi</i>	
<i>Marcos Vinícius Meneguel Donati</i>	
<i>José Roberto Boettger Giardinetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030916	
CAPÍTULO 17	162
AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA: CONTRIBUIÇÕES DA ADE PARA ATINGIR A META DA PROFICIÊNCIA NO SAEB/INEP EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE MANAUS	
<i>Rosemary Farias Rufino</i>	
<i>Santana Elvira Amaral da Rocha</i>	
<i>Núbia do Socorro Pinto Breves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030917	
CAPÍTULO 18	174
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UMA VISÃO ROMÂNTICA OU DIREITO À EDUCAÇÃO?	
<i>Andrialex William da Silva</i>	
<i>Tarcileide Maria Costa Bezerra</i>	
<i>Romênia Menezes Paiva Chaves Carneiro</i>	
<i>Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030918	
CAPÍTULO 19	183
CRIATIVIDADE E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Guacira Quirino Miranda</i>	
<i>Arlete Aparecida Bertoldo</i>	
<i>Priscila Miranda Chaves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030919	
CAPÍTULO 20	191
DESENHOS E DESENHOS: CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO	
<i>Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias</i>	
<i>Rosimar de Fátima Oliveira</i>	

DOI 10.22533/at.ed.92119030920

CAPÍTULO 21 203

ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO MODELO DE OAKLAND, GLUTTING E HORTON EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Gildene do Ouro Lopes Silva

Amanda Lázari

Amanda Calefi Felex

DOI 10.22533/at.ed.92119030921

CAPÍTULO 22 211

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO GASTO ALUNO-ANO NOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Jokasta Pires Vieira Ferraz

Andrea Polena

Simony Rafaeli Quirino

DOI 10.22533/at.ed.92119030922

CAPÍTULO 23 224

IDEIAS HIGIENISTAS NA REVISTA PEDAGOGIUM (1922-1923)

Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes

Arthur Beserra de Melo

Marlúcia Menezes de Paiva

DOI 10.22533/at.ed.92119030923

CAPÍTULO 24 232

O ENSINO DA ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE: NOVOS MODOS DE PENSAR SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Laura Renata Dourado Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92119030924

CAPÍTULO 25 241

O PROFESSOR COMO MEDIADOR NAS HABILIDADES DE LEITURA

Clarice de Matos Oliveira

Thenner Freitas da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.92119030925

CAPÍTULO 26 250

O PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO E A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO BURGUESA NO SÉCULO XXI

Ana Carolina Fleury

Ivo Monteiro de Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.92119030926

CAPÍTULO 27 262

OBSERVATÓRIO EÇAÍ: A APLICAÇÃO DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE E OUTROS DIREITOS HUMANOS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Cláudia Araújo de Lima

DOI 10.22533/at.ed.92119030927

CAPÍTULO 28 271

OS DESAFIOS E AS DEMANDAS SOCIOCULTURAIS BRASILEIRAS FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.92119030928

CAPÍTULO 29 283

PACTO FEDERATIVO NA EDUCAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DA UNIÃO NO FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO EM MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Marcelo da Silva Machado

DOI 10.22533/at.ed.92119030929

CAPÍTULO 30 309

PEDAGOGIA WALDORF E SALUTOGÊNESE: RAZÕES E CAMINHOS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR

Elaine Marasca Garcia da Costa

Vilma Lení Nista-Piccolo

DOI 10.22533/at.ed.92119030930

CAPÍTULO 31 323

PERFIL DE DESCARTE DE ÓLEO DE COZINHA EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA SITUADAS NO MUNICÍPIO DE TUBARÃO, SC

Douglas Bardini Silveira

Eduardo Aquini

Isonel Maria Comelli Pavei

DOI 10.22533/at.ed.92119030931

CAPÍTULO 32 331

RELAÇÕES ENTRE TEMAS DA DISCIPLINA FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS E A PESQUISA SOBRE HIGIENISMO NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Arthur Beserra de Melo

Amanda Vitória Barbosa Alves Fernandes

Marlúcia Menezes de Paiva

DOI 10.22533/at.ed.92119030932

CAPÍTULO 33 342

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Bruno Viviani dos Santos

Sabrina Araujo de Almeida

Pedro Humberto Faria Campos

DOI 10.22533/at.ed.92119030933

CAPÍTULO 34	355
SISTEMA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR	
<i>Katia Verginia Pansani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030934	
CAPÍTULO 35	363
UM OLHAR INICIAL A RESPEITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FINANCIAMENTO NO BRASIL: COMPREENDENDO O FUNDEB	
<i>Jhonathan Martins da Costa</i>	
<i>Carlos José de Farias Pontes</i>	
<i>Maria Valdiza Ferreira Moniz Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030935	
CAPÍTULO 36	372
USO DO MEDICAMENTO NA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DA MEDICALIZAÇÃO DO ENSINO	
<i>Laís Takaesu Ernandi</i>	
<i>Willian Pereira da Silva</i>	
<i>Suédina Brizola Rafael Rogato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030936	
CAPÍTULO 37	383
PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA NO COTIDIANO DAS SESSÕES TÓRICIAS	
<i>Débora Cabral Nunes Polaz</i>	
<i>Raquel Aparecida de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030937	
CAPÍTULO 38	390
EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MATO GROSSO DO SUL: INDICADORES DE MATRÍCULAS (2007-2016)	
<i>Wania Regina Aranda da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.92119030938	
SOBRE OS ORGANIZADORES	416
ÍNDICE REMISSIVO	417

ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO MODELO DE OAKLAND, GLUTTING E HORTON EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Gildene do Ouro Lopes Silva

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus de Engenheiro, São Paulo
Curso de Mestrado Profissional em Educação

Amanda Lázari

Pedagoga

Amanda Calefi Felex

Pedagoga

* Trabalho apresentado no Eixo Temático Saberes e Fazeres no Cotidiano Escolar do I Congresso Internacional de Educação, realizado pelo PPGE da Universidade de Sorocaba, no Campus Cidade Universitária– Uniso – Sorocaba, SP, nos dias 24, 25 e 26 de outubro de 2016.

RESUMO: A identificação dos estilos de aprendizagem em escolares do quarto ano do ensino fundamental foi realizada pela observação das preferências dos escolares ao interagir com o ambiente de aprendizagem. A análise foi guiada pelas características descritas dos estilos de aprendizagem segundo o modelo teórico adotado neste estudo. Destaca-se a importância das pesquisas e de programas educativos para orientar os professores sobre as teorias que explicam os estilos de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Estilos de Aprendizagem. Ensino Fundamental. Ensino.

LEARNING STYLES ACCORDING TO OAKLAND, GLUTTING AND HORTON'S MODEL FOR CHILDREN IN ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT: The identification of learning styles in students of the fourth year of elementary school was carried out by observing the preferences of the students when interacting with the learning environment. The analysis was guided by the characteristics of the described learning styles according to the theoretical model used in this study. It is highlighted the importance of research and educational programs to guide teachers on the theories that explain different learning styles.

KEYWORDS: Learning Styles. Elementary School. Teaching.

1 | INTRODUÇÃO

Estudos no âmbito educacional demonstram que as pessoas pensam, captam as informações, processam, armazenam e recuperam de forma diferente. As teorias dos estilos de aprendizagem vêm confirmando essa diversidade e despertam o interesse em conhecer a maneira típica e habitual de as pessoas pensarem, perceberem e resolverem problemas (PÁRAMO, GUISANDE, TINAJERO

& ALMEIDA, 2008). Além disso, identificar os estilos pode favorecer os procedimentos metodológicos de ensino, com intenção de melhorar o aprendizado dos escolares por meio de diversas e diferentes estratégias para atenderem as suas preferências individuais e conquistarem um melhor desempenho nas atividades. Uma vez que, é possível saber o grau de preferência dos escolares pelos tipos de tarefas e ambiente de aprendizado (STERNBERG & GRIGORENKO, 1997).

Acredita-se que os problemas de aprendizagem frequentemente não estão relacionados preferencialmente à dificuldade do entendimento do conteúdo, mas da forma como ocorre a interação dos escolares com o ambiente de aprendizagem. Portanto, a reflexão sobre como se ensina e como se aprende, pode conceber uma educação que tenha significado para o professor e para os escolares e, de certa forma, ser um fator decisivo na melhoria dos resultados escolares (MATOS, 2008).

Desse modo, torna-se necessário o conhecimento do professor sobre os estilos de aprendizagem para utilizarem em situações reais no contexto educacional (EVANS e COOLS, 2009). Apesar da observação no cotidiano da sala de aula não ser possível identificar precisamente todos os elementos de um estilo de aprendizagem dos escolares numa perspectiva multidimensional, pode ajudar o professor a analisar a forma de como os escolares percebem, interagem e respondem ao ambiente de aprendizagem, de forma a ampliar e aperfeiçoar A knowledge of our own learning style makes us aware of counseling interventions that we tend to favor over others, thus accommodating some counselee whose styles are similar to our own and possibly alienating others whose styles are dissimilar. o repertório de intervenções, de aconselhamento, de técnicas e estratégias para responder à diversidade dos alunos para aprender e a do professor para ensinar (SILVA, 2011).

Vale lembrar, que apesar de cada pessoa apresentar predominância em um determinado estilo de aprender, essa é uma forma preferida, mas não exclusiva, pois na realidade todos os estilos estão presentes em cada pessoa em maior ou menor medida, e um deles é usado de forma mais frequente por ser a preferida entre os outros estilos (AGUADO e FALCHETTI, 2009). Nesse contexto, observa-se a necessidade de propor que os professores identifiquem a diversidade dos estilos de aprendizagem em sua sala de aula, a fim de aprimorar os estilos preferidos dos seus alunos e potencializar aqueles estilos que ainda não foram desenvolvidos.

Assim sendo, o objetivo do presente trabalho foi analisar os estilos de aprendizagem dos escolares do quarto ano do ensino fundamental I, a partir do modelo de estilos de aprendizagem segundo Oakland, Glutting e Horton (1996). Os autores apontam a existência dos estilos de aprendizagem em oito estilos básicos, cada qual com características peculiares que podem estar relacionadas aos traços de personalidade do indivíduo. Os oito estilos básicos de aprendizagem são: introvertido, extrovertido, prático, imaginativo, racional, sentimental, organizado e flexível.

Os estudantes que preferem um estilo introvertido são mais suscetíveis a: apreciar e necessitar de tempo privado e solidão; desenvolver suas ideias refletindo

sobre elas antes de discuti-las; sentir com mais energia e foco quando passam um tempo sozinho; responder lentamente aos estímulos do ambiente; hesitar, ser cauteloso e pensar antes de agir; ter poucos amigos íntimos com os quais passam um tempo; apreciar trabalhar sozinho; ser reservado e um pouco difícil de conhecer; demorar em revelar sentimentos e opiniões; ficar feliz em ouvir, sem dizer muito; preferir refletir e compreender um conceito antes de fazer atividades práticas que apliquem tal conceito; prestar mais atenção em seus próprios pensamentos do que o que acontece ao seu redor; preferir trabalhos individuais ou em pequenos grupos, do que em grandes grupos; querer ter seu próprio espaço, onde os outros não podem se intrometer ou manipular seus pertences sem permissão; ter poucos interesses aos quais busquem por profundidade.

Por outro lado, o estudante com estilo extrovertido, são mais suscetíveis a: manifestar energia e entusiasmo; extrair energia do que acontece no ambiente; sentir-se com mais energia ao interagir com pessoas; apreciar, conversar e interagir com os outros; responder rapidamente, precipitar-se a princípio, analisar depois e assim aparentar ser impulsivo; compreender e desenvolver ideias ao discuti-las com os outros; expressar ideias, opiniões e sentimentos aos outros com facilidade e frequência; ter uma ampla variedade de interesses; ter muitos amigos; apreciar grandes e pequenos grupos; assumir um papel público; estar interessado em utilidades que produzam resultados rápidos; gostar de ir de uma atividade a outra, e manter-se ocupado; divertir-se com interrupções e distrações; não ser quieto, e sentir-se desconfortável com o silêncio; precisa de elogios, afirmações e estímulos dos outros; preferir falar em vez de escrever.

Os estudantes que preferem um estilo prático têm mais chances de: prestar atenção na realidade; prestar atenção nas informações que vem através dos sentidos; ser muito observador de seu ambiente e do que acontece nele; apreciar utilizar habilidades aprendidas previamente e experiências, para resolver problemas; ser chamado de realista e pragmático; apreciar e prestar atenção ao presente; suspeitar de generalidades e declarações que não são apoiadas por evidências; compreender coisas literalmente; apreciar aprender as coisas passo a passo; perceber detalhes; fazer alguns erros factuais; preferir simplicidade ao invés de complexidade; ser desencorajado quando as coisas parecem muito complicadas; valorizar tradição e trabalho para manter as coisas que já existem; apreciar aprender através de trabalhos práticos e envolvimento em atividades; preferir aprender e utilizar fatos para lidar com abstrações, possibilidades e teorias; apreciar, aplicar e praticar habilidades já aprendidas.

Já os estudantes que preferem um estilo imaginativo são mais suscetíveis a: apreciar palavras, metáforas e símbolos; ser criativo; apreciar ouvir primeiro uma teoria, e só então as aplicações da teoria; aprender através da percepção e intuição; valorizar a rapidez de compreensão; apreciar variedade; apreciar aprender novas habilidades, ao invés de rever habilidades previamente dominadas; ser chamado de

visionário; ter muitas ideias originais; estar mais interessado no futuro do que no presente ou passado; apreciar inovação e mudança em prol de si próprio; ignorar detalhes; cometer erros factuais; apreciar complexidade; pular etapas, mas ainda assim chegar a uma conclusão válida; ser estimulado pelas dificuldades; estar inspirado com frequência; trabalhar muito por um longo período de tempo e então descansar; desafiar as práticas existentes e trabalhar para melhorar o futuro.

Os estudantes que preferem o estilo racional têm mais chance de: serem analíticos e críticos; dizerem a verdade como as vê; valorizar a lógica sobre o sentimento; serem céticos, questionar os outros e duvidar do que os outros dizem; serem breves e metódicos em seus discursos e encontros sociais; apreciar fatos e ideias; serem consistentes em suas opiniões, crenças e ações; tratar as pessoas de forma justa; ficarem desconfortáveis para expressar suas emoções; elogiar raramente; trabalhar para corrigir injustiças.

Já os estudantes que preferem o estilo sentimental têm mais chances de: serem sensíveis e solidários; serem delicados e amigáveis; concordar com os outros e buscar estar em harmonia com eles; ser vago ao falar e demorar para chegar a um ponto; estar confortável com questões emocionais; louvar com frequência; querer agradar aos outros; creditar em outros com facilidade e ter expectativas positivas deles; dar valor a sensações e sentimento em vez da lógica; ter habilidade em questões sociais; compreender e analisar pessoas ao invés dos fatos ou ideias; serem compassivos e dar apoio a projetos que melhorem o bem estar das pessoas; evitar conflitos; ser encantador e carismático.

Os estudantes que preferem o estilo organizado têm mais chances de: fazer planos e fazer uma agenda; querer trabalhar constantemente; ser persistente; querer finalizar as coisas; querer chegar a conclusões; serem dependentes; respeitar autoridades; querer saber das coisas antes da hora; não gostar de surpresas; querer estar certo e fazer as coisas da forma certa; querer controlar as coisas; manter seus espaços e coisas organizadamente dispostas; querer saber apenas o essencial para situação ou matéria; pensar no tempo como estrutura e uma oportunidade para fazer planos; ter a sensação de urgência sobre as coisas em geral.

Por outro lado, os estudantes que preferem o estilo flexível tem mais chance de: querer que as coisas fiquem indefinidas, em aberto; apreciar surpresas; querer experimentar o máximo possível; querer se adaptar a vida como ela é; ser tolerante com diferentes pontos de vista; preferir fugir as regras; tolerar a desordem entre suas coisas; buscar oportunidades de brincar e curtir a vida; ser flexível em suas opiniões e compromissos; ser espirituosos, encantador e inteligente; apreciar realizações; não gostar de palavras como “deveria ou não deveria”.

2 | MÉTODO

A pesquisa qualitativa foi o método adotado para atender os objetivos desse estudo. O Contexto para realizar a pesquisa foi em três escolas de educação básica, situadas na região metropolitana de Campinas, sendo uma da rede pública municipal e duas da rede privada de ensino.

A coleta de dados foi realizada pela observação de situação de aprendizagem em três classes, com o total de 78 alunos regularmente matriculados no quarto ano do Ensino Fundamental I em um período de nove dias, totalizando 122h de observação realizada por três alunas do quarto ano do curso de pedagogia utilizando um protocolo para registro pessoal das informações. O mapeamento da observação foi guiado pelas seguintes perguntas, o que observar? Como observar? Por que observar? A quem observar? Quando observar?

Essa opção favoreceu definir o que é necessário registrar antes de observar. O que segundo a observação exige elevados níveis de concentração, traz grande quantidade de informação e pode causar exaustão, considerando que a fadiga pode interferir na atenção, que é um elemento necessário para lembrar qual o objetivo da observação. (LANKSHEAR E KNOBEL, 2008).

Assim sendo, foi observado no ambiente natural de aprendizagem no cotidiano da sala de aula, com objetivo de registrar cenas relevantes durante a aula em que os escolares manifestassem de forma clara as preferências ao interagir com o ambiente de aprendizagem por meio da realização das tarefas indicadas pela professora regente da classe. O registro pessoal foi realizado com regularidade, com uma sequência de dias e tempo de observação e no momento em que as atividades ocorreram.

A análise dos registros foi guiada pelas características descritas de cada estilo de aprendizagem segundo Oakland, Glutting e Horton (1996) para identificar as preferências dos escolares envolvidos nas cenas mais relevantes, e assim identificar o seu estilo preferido.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das dezessete cenas registradas, foram selecionadas 9 cenas relevantes com a identificação do estilo preferido de 12 escolares envolvidos em situação de aprendizagem. No entanto, para o presente trabalho segue apenas a descrição de três cenas de diferentes estilos de aprendizagem preferidos pelos escolares.

Cena 1-A professora inicia a sua aula lendo uma reportagem sobre as medidas de combate à dengue, chikungunya e zika, em seguida inicia uma discussão em sala de aula. O escolar B demonstrou interesse, pois se percebeu que ele estava anotando algumas das falas da professora e dos colegas. Logo após a discussão a professora propôs a construção de um resumo que narrasse a notícia seguido da opinião de cada um deles sobre o fato. Os alunos foram então divididos em duplas e tiveram

a oportunidade de escolher com quem formaria a dupla. Desse modo o escolar B convidou um dos colegas, “vem sentar aqui!”. Em seguida dão início a atividade, pode observar que ambos estavam nitidamente concentrados no trabalho e discutiam sobre a notícia lida naquela manhã, uma fala do escolar B já questionando o assunto “mas se cada pessoa cuidasse do seu quintal não ia ter dengue...” foi quando os escolares B e o F iniciaram uma discussão e o sujeito F respondeu “meu pai já teve dengue” o sujeito B indagou seu colega e disse: “a professora disse que existe três tipos de doenças, mas que todas são transmitidas pelo mesmo mosquito!”

A cena relatada revela preferências do estilo racional de acordo com o modelo dos estilos de aprendizagem de Oakland, Glutting e Horton (1996), uma vez que, os estudantes tendem a ser analíticos e críticos. Foi observado tal comportamento quando o sujeito A contestou seu colega de classe dizendo que o mosquito *Aedes Aegypti* era transmissor não só da Dengue. Também expressou maior satisfação na realização do trabalho em grupo, mesmo manifestando sua opinião sem rodeios.

Cena 2- A sala encontrava-se agitada e barulhenta, enquanto o escolar G continuava em seu lugar copiando a tarefa, mostrando-se incomodado com a bagunça através de olhares e expressões faciais. Foi o primeiro a finalizar individualmente a tarefa e permanecer em silêncio em sua carteira, mesmo diante de tanta agitação. A professora decidiu que a correção da tarefa seria coletiva, onde cada aluno responderia um item. O escolar G quando indagado a participar, nega que não sabia, porém havia anotado a resposta no caderno. Por ocasião do recreio o escolar G continuou sozinho, comeu seu lanche e ficou observando seus amigos brincarem, aos poucos foi se aproximando e interessou-se por uma brincadeira de ping pong e brincou com o grupo. Ao bater o sinal foram até a quadra de esportes para a aula de educação física, o escolar G tornou a ficar afastado dos demais colegas. Em seguida, o professor separou os alunos em dois grupos para a brincadeira de queimada invertida, em um mal entendido o escolar G e uma colega se esbarraram e ambos caíram ao chão, o professor chamou-os pelos nomes e todos os outros alunos voltaram sua atenção para a cena. Então o escolar G calou-se, sentou-se negando a brincar novamente enquanto o outro escolar retornou para a brincadeira. Ainda, foi observado que algumas vezes, o escolar G pede para ir ao banheiro sempre que a professora resolve realizar qualquer atividade que exija participação individual oral ou alguma discussão em classe.

Nessa cena percebe-se que o escolar prefere passar parte do tempo sozinho, necessita de privacidade, prefere ficar em silêncio e em ambientes sem perturbações, escrever sobre o assunto ao invés de apresentá-lo oralmente. Desse modo, segundo Oakland, Glutting e Horton (1996) são essas características peculiares do introvertido.

Cena 3- A professora apresenta a classe o conteúdo de animais vertebrados e invertebrados por meio da leitura de um texto no livro e de um documentário em vídeo. Logo o escolar H diz: “Professora, coloca no canal Guia dos curiosos eu assisto na minha casa, a professora então atende ao pedido do aluno e coloca um vídeo

que tratava da mesma temática, ele rapidamente diz: “Professora você sabia que os aracnídeos têm 8 patas, eu amo ciências...”. A professora propõe uma atividade na qual consistia em realizar uma pesquisa sobre os animais vertebrados e invertebrados, o escolar H no outro dia chega em classe e começa a falar tudo o que ele já sabia e o que havia pesquisado, os demais alunos interagem com ele e ele fica nitidamente feliz com todo o conhecimento que está transmitindo para os demais colegas.

De acordo com Oakland, Glutting e Horton (1996) os estudantes que preferem o estilo de aprendizagem extrovertido comumente destacam-se pelo gosto em se comunicar com professores e colegas de classe, demonstram entusiasmo, pode-se observar o escolar H ao relatar suas experiências interagindo com a professora e manifestando sua opinião e conhecimentos sobre o assunto em discussão.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho aponta caminhos possíveis para a identificação dos estilos de aprendizagem pela observação adequada da forma como os alunos interagem, percebem e respondem ao ambiente de aprendizagem no cotidiano da sala de aula. Lembrando que não se trata de apontar o que é mais ou menos importante para avaliar as diferentes formas de aprender. Acredita-se também na importância de instrumentos confiáveis e válidos para contribuir com o professor no entendimento dos estilos de aprendizagem dos seus alunos.

Ressalta-se a importância da observação na fase de desenvolvimento pela qual vivenciam os alunos das séries iniciais do ensino fundamental, que nem sempre conseguem expressar as suas preferências, quando interrogado sobre as suas maneiras ou estratégias de aprender. No entanto, manifestam no dia a dia ao realizar suas tarefas na escola. Desse modo, vale ressaltar a importância das pesquisas nessa área e de programas educativos para orientar os professores, com relação às teorias que explicam os estilos de aprendizagem.

A capacidade do professor em entender e interpretar os estilos de aprendizagem dos alunos torna-se relevante, na medida em que o conhecimento dele sobre as maneiras pessoais dos alunos responderem aos seus ambientes de aprendizagem sirvam para ampliar e aperfeiçoar as estratégias metodológicas e de intervenção no ensino.

REFERÊNCIAS

AGUADO, M. L., FALCHETTI, E. S. Estilos de aprendizaje. Relación con motivación y estrategias. **Revista Estilos de Aprendizaje**, v. 4, n. 4, p. 36 -55, 2009.

EVANS, C., COOLS, E. Editorial: The Use and Understanding of Style Differences to Enhance Learning. **Reflecting Education**, v.2, n.5, p. 1- 18, 2008.

LANKSHEAR, C., KNOBEL, M. **Pesquisa Pedagógica do Projeto à implementação**. Porto Alegre: Artemed, 2008.

MATOS, J. **Estudo Comparativo dos Estilos de Aprendizagem no Ensino Básico**. 2008. 30 f. Dissertação (Mestrado) - Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2008.

OAKLAND, T., GLUTTING J. J., HORTON, C. B. **Student Styles Questionnaire**. San Antonio, Florida: The Psychological Corporation, 1996.

PÁRAMO, M. F. et al. (2008). Aproximación a los estilos Cognitivos. Líneas de trabajo actuales em El estudio de La dependência-independencia de campo. In A. Candeias, L. Almeida, A. Roazzi & R. Primi (Eds.), **Inteligência: definição e medida na confluência de múltiplas concepções**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2008, p. 209-253.

SILVA, G. O. L. **Construção e evidências de validade e precisão de escala de estilos de aprendizagem em universitários**. 2011. 133 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Campinas: PUC-Campinas, São Paulo.

STERNBERG, R. J., GRIGORENKO, E. L. Are cognitive styles still in style? **American Psychologist**, v. 3, n, 52, p. 700-712, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 5, 1, 10, 242, 276

Altas habilidades 190

Aprendizagem 5, 6, 7, 3, 8, 72, 117, 118, 141, 143, 144, 145, 146, 152, 162, 172, 203, 210, 330, 348, 381, 383

Autismo 1, 2, 3, 8, 278

Avaliação educacional 172

Avaliações em larga escala 162

C

Concepções 6, 7, 175

Conselhos municipais de educação 200

Criatividade 7, 183, 185, 189, 190

E

Educação 2, 5, 6, 7, 8, 9, 6, 9, 10, 11, 12, 19, 20, 22, 23, 30, 31, 37, 38, 41, 51, 61, 62, 72, 78, 80, 88, 89, 99, 102, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 232, 235, 239, 241, 242, 245, 247, 249, 250, 251, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 282, 283, 284, 288, 289, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 303, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 316, 317, 319, 320, 321, 323, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 358, 359, 363, 366, 368, 369, 370, 371, 374, 381, 383, 389, 390, 391, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415

Educação à distância 72

Educação básica 307, 349

Educação especial 176, 182, 273

Educação física 352, 353

Educação infantil 215, 413

Engenharias 21, 23, 26, 27, 28, 29

Ensino 5, 6, 7, 9, 1, 5, 23, 30, 42, 51, 62, 72, 76, 88, 89, 99, 103, 104, 105, 107, 108, 117, 118, 122, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 141, 157, 166, 193, 203, 207, 210, 212, 214, 215, 239, 243, 245, 249, 251, 284, 288, 316, 328, 344, 371, 382, 391, 395, 396, 403, 407

Escola 7, 4, 54, 109, 123, 124, 125, 134, 172, 182, 212, 213, 226, 227, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 259, 261, 282, 296, 297, 306, 307, 311, 316, 319, 321, 322, 403, 415

Escrita pré-silábica 18

Estudantes 6, 89, 111, 141, 142, 162, 245

Etnografia 62

Evasão 5, 23, 25, 26, 27, 30, 31

F

Formação de professores 62

Francês 5, 42, 43, 52

I

IDEB 6, 12, 130, 131, 132, 135, 137, 138

Inclusão 8, 31, 175, 182, 271, 272, 275, 276, 281, 282, 396, 415

O

Observação 154

Oportunidade de aprendizagem

Oralidade 32

P

Pesquisa 2, 5, 8, 9, 20, 31, 32, 41, 61, 62, 80, 87, 118, 139, 166, 168, 169, 182, 201, 210, 267, 269, 270, 283, 331, 354, 363, 376, 381, 383, 413, 414, 415

Pesquisa qualitativa 62, 413

PISA 2012 6, 12, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 153

Práticas pedagógicas 54, 117

Psicogênese da língua escrita 20, 161

R

Reflexividade 6, 80

S

SINAES 88, 89, 91, 93, 97, 99

Superdotação 7, 183, 190, 398

Surdez 54, 398

U

UFAM 6, 11, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Universidade 5, 6, 9, 30, 31, 32, 41, 42, 43, 46, 52, 54, 61, 62, 63, 71, 72, 78, 80, 88, 89, 98, 99, 100, 102, 108, 117, 118, 129, 134, 154, 161, 174, 176, 182, 183, 191, 201, 203, 210, 211, 222, 224, 225, 241, 250, 262, 263, 269, 271, 281, 282, 283, 309, 311, 321, 326, 331, 333, 342, 353, 363, 371, 372, 381, 382, 383, 384, 389, 390, 408, 414, 415

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-592-1

